

ASPECTOS DA LINGÜÍSTICA APLICADA PARA A FORMAÇÃO DO PESQUISADOR

ASPECTS OF LINGUISTICS APPLIED FOR TRAINING THE
RESEARCHER

ASPECTOS DE LA LINGÜÍSTICA APLICADA PARA LA FORMACIÓN
DEL INVESTIGADOR

*Silvio Nunes da SILVA JÚNIOR**

Resumo: Nos estudos da linguagem, o campo transdisciplinar da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006, 2009) representa um contexto de reflexões contínuas sobre os usos da linguagem nas práticas sociais. Nele, variadas questões são cautelosamente tratadas, no que tange a teoria, a metodologia e a análise no desenvolvimento de pesquisas que transcendem os limites das salas de aula de educação básica e superior. O propósito desse estudo é refletir a Linguística Aplicada (LA) como campo de ressignificação, com olhares para as contribuições do percurso que a linha vem trilhando para a formação de novos pesquisadores, isso com base em pontos específicos, a saber: a subjetividade e a ética. O argumento central é de que a LA não determina questões estáticas para serem seguidas, mas sim, propicia o desenvolvimento de inquietações diversas para problematizar o que está posto.

Palavras-chave: Usos da Linguagem; Práticas Sociais; Transdisciplinaridade.

Abstract: In language studies, the transdisciplinary field of Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2006, 2009) represents a context of continuous reflections on the uses of language in social practices. In it, a variety of issues are cautiously addressed in theory, methodology, and analysis in the development of research that transcends the boundaries of basic and higher education classrooms. The purpose of this study is to reflect Applied Linguistics (AL) as a field of re-signification, with a view to the contributions of the course that the line has been tracing towards the formation of new researchers, based on specific points, namely: subjectivity and ethic. The central argument is that LA does not determine static issues to be followed, but rather, it fosters the development of various concerns to problematize what is in place.

Keywords: Uses of Language; Social Practices; Transdisciplinarity.

Resumen: En los estudios del lenguaje, el campo transdisciplinario de la Lingüística Aplicada (MOITA LOPES, 2006, 2009) representa un contexto de reflexiones

* Mestrando em Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (PPGL/UFAL). Contato: junnyornunes@hotmail.com.

continuas sobre los usos del lenguaje en las prácticas sociales. En él, varias cuestiones son cautelosamente tratadas, en lo que se refiere a la teoría, la metodología y el análisis en el desarrollo de investigaciones que trascienden los límites de las aulas de educación básica y superior. El propósito de este estudio es reflejar la Lingüística Aplicada (LA) como campo de resignificación, con miradas para las contribuciones del recorrido que la línea viene a la formación de nuevos investigadores, eso con base en puntos específicos, a saber: la subjetividad y la ética. El argumento central es que la LA no determina cuestiones estáticas para ser seguidas, sino que propicia el desarrollo de inquietudes diversas para problematizar lo que está puesto.

Palabras clave: Usos del Lenguaje; Prácticas Sociales; Transdisciplinario.

Considerações Iniciais

Diversos estudos vêm se dedicando a discorrer sobre os variados enfoques dados à Linguística Aplicada (LA), apontando, para tanto, novas terminologias e adjetivações para a nomenclatura da área. Assim, temos LA mestiça, contemporânea (MOITA LOPES, 2006), transgressiva (PENYCOOK, 2006) e outras. Não chega a ser questionável a importância de tais abordagens para o campo da LA no Brasil e no mundo, considerando que a área em si possibilita o desenvolvimento de muitos estudos e enxerga a pertinência científica de cada um. Esse, de acordo com a ótica da qual se insere o presente estudo, é considerado o ponto mais “transdisciplinar” da LA. Numa leitura global, todas essas LA’s defendem a mesma caracterização e, por incrível que possa parecer - numa sociedade capitalista, categórica e, também, individualista -, uma toma base na outra para se sustentar teórico e metodologicamente.

Variadas perspectivas de estudo podem explicar e exemplificar a finalidade da LA de ultrapassar as fronteiras conceituais em busca de conhecimento. Em Bourdeu (1996), podemos dizer que a LA trabalha na tentativa de transcender “quadros institucionais” no intuito de dar voz aos sujeitos sociais. Em De Certeau (1996), a LA pode ser campo para o desenvolvimento de táticas para os sujeitos de subverterem das redes de vigilância. Já em Morin (1996), depreendemos que a LA toma como base a complexidade para estabelecer os mais diversos diálogos nas pesquisas nela inseridas. Até chegar ao lugar social que ocupa na atualidade, a LA foi território de variados avanços - o que se conhece por viradas - que representam as barreiras que foram vencidas em

busca da transdisciplinaridade tão mencionada nos estudos contemporâneos, a qual hoje vem atraindo diversos pesquisadores preocupados em estabelecer olhares para as práticas sociais de linguagem em diferentes contextos de uso.

Nesse sentido, este estudo teórico busca refletir a LA como campo de ressignificação conceitual e social. Para tanto, é realizado um apanhado histórico acerca das viradas históricas da área, na tentativa de explicar como se deram (e se vêm dando) os processos de ressignificação. Em seguida, atribuímos olhares para a formação do pesquisador, discutindo sobre questões específicas que precisam ser cuidadosamente tratadas na LA atual, assim como: a subjetividade e a ética em pesquisa.

Percurso diacrônico da linguística aplicada

A LA hoje é contestada por diversos campos teóricos e metodológicos de pesquisa em Linguística. Em alguns programas de pós-graduação e até mesmo no campo mais raso da graduação, os debates sobre a importância das pesquisas em LA e a permanência dela na ampla área da Linguística são constantes, o que acaba afastando cada vez mais de abordagens linguísticas, até mesmo das que se inserem no sociointeracionismo discursivo, o qual representa um espaço mais amplo de discussões sobre língua e linguagem numa perspectiva social.

No entanto, entendemos que ao observar a LA numa diacronia, ficam evidentes alguns avanços processuais até chegar ao *status* que ela mantém nos dias atuais. Esse percurso pode influenciar no estabelecimento de encaminhamentos para questionamentos, como o que problematiza a permanência da LA nos estudos linguísticos. As reflexões trazidas nesse tópico de discussão objetivam trazer alguns subsídios para essas questões importantes, mostrando as ressignificações mais abrangentes que o campo passou com o avanço dos tempos.

Primeiros passos

Em aulas de LA em cursos de graduação e pós-graduação em Letras, nos primeiros momentos da disciplina, em que se inserem

alunos pertencentes às mais variadas correntes teóricas¹, é quase sempre feito, pelo professor, o seguinte questionamento: Para você, o que é Linguística Aplicada?

Discursos como “É a aplicação das teorias linguísticas no ensino de línguas” são constantes, levando os docentes da disciplina a, além de refletirem o ensino, a aprendizagem e outras questões a partir de textos de variadas áreas de conhecimento, dedicarem boa parte das aulas para esclarecer o que é LA, suas finalidades e atuações na pesquisa em Letras e Linguística.

Discursos como o que foi apresentado não são proferidos por acaso. Existem diversas vozes sociais (BAKHTIN, 2003) imbricadas nele, fazendo-o representar o primeiro momento da LA nos estudos linguísticos. Na década de 1940, pesquisadores da Linguística tiveram o interesse de desenvolver, durante a Segunda Guerra Mundial (MOITA LOPES, 2009), materiais de ensino que possibilitassem o uso das teorias linguísticas já desenvolvidas até aquele momento como base teórico-metodológica, principalmente as que davam continuidade ao pensamento de Saussure (2006 [1916]) - imbricado no formalismo russo -, para o ensino de línguas. Foi nesse momento que surgiu a primeira Linguística Aplicada.

Esse período marcou a expansão do ensino de gramática nas escolas de educação básica da época. A concepção de língua como sistema abstrato de signos trouxe para os pesquisadores e professores uma noção de língua como estrutura. Assim, o ensino precisava seguir essa estrutura pré-determinada, como ilustra Geraldi (1996, p. 2):

[...] a teoria gramatical tradicional que embasa os estudos escolares não tem critérios muito precisos – ora os critérios são morfológicos, ora semânticos, ora sintáticos. Além disso, toda classificação responde a algum objetivo teórico (em língua, não há classes naturais, e aqueles que construímos respondem a alguma necessidade do estudo teórico que as produziu), e este objetivo nunca é explicitado no ensino da gramática (a classificação parece ter um valor em si).

¹ Essa questão pode não ser tão frequente em Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, como é o caso da UNICAMP, a UNB e outras.

Inicialmente, os critérios do ensino de gramática, mesmo embasados em teorias estáticas – como o estruturalismo é até hoje –, não abarcava as variadas classes gramaticais e as tantas regras que temos contato atualmente. Nesse sentido, a LA da época considerava apenas a questão puramente linguística, impossibilitando diálogos com qualquer perspectiva teórica existente que pudesse aproveitar algum aspecto sociocultural. Dessa maneira, a finalidade de trazer subsídios linguísticos para o ensino de línguas foi estabelecida com sucesso, visto que existem práticas de ensino que atualmente ainda seguem os padrões da gramática tradicional, mesmo que inconscientemente, o que se afasta completamente do que se conhece por LA na contemporaneidade.

Esse modo de fazer LA durou aproximadamente duas décadas, visto que nos anos de 1960 a LA já dava indícios de uma primeira virada histórica.

A primeira virada

Segundo Moita Lopes (2009),

O campo da LA começa enfocando a área de ensino/aprendizagem de línguas, na qual ainda hoje tem grande repercussão. Essa área se inicia, então, como resultado dos avanços da Linguística como ciência no século XX, constituindo-se como o estudo científico do ensino de línguas estrangeiras, notadamente com Charles Fries e Robert Lado nos Estados Unidos, e seu foco de interesse também passa, já nos anos 60 do mesmo século, a abarcar questões relativas à tradução (Tucker, s/d). Não é de estranhar, portanto, que a Linguística, um dos grandes campos das Ciências Humanas, do início do século xx, no auge do Estruturalismo, cujos princípios e técnicas de análise influenciaram outros campos de investigação como a Antropologia, a Semiótica, a Literatura etc. (De George e De George, 1972, pp. 18-20) fosse também interessar àqueles que se debruçavam sobre a questão do ensino de línguas e da tradução. Parecia natural que uma área que focalizava o fenômeno da linguagem, com influência tão profunda no modo como o Estruturalismo se espraiou em

muitas disciplinas, tivesse algo a dizer àqueles que se interessavam pelo ensino de línguas.

A primeira virada histórica da LA em todo o território mundial marcou o início das possibilidades de diálogo com outras perspectivas teóricas e, também, metodológicas. O primeiro estudo que deu indícios do afastamento de uma aplicação de teorias linguísticas para uma LA foi o de Widdowson (1970 *apud* MOITA LOPES, 2009). O autor assinala que a própria nomenclatura “Linguística Aplicada” já determina uma proclamação de dependência. Assinala, ainda, que é preciso ter cuidado com a influência exclusiva da linguística, visto que está se tratando de ensino de línguas, e que, com isso, a LA seria mais bem vista se fosse apresentada como um ramo teórico da pedagogia para o ensino de línguas.

O interesse na questão da tradução consagrou a LA como campo de estudo interdisciplinar, porém limitado pelo estudo exclusivo de línguas estrangeiras, na maior parte o inglês, mesmo em países que têm o português como língua materna e oficial.

As primeiras articulações teóricas da LA foram, como pontua Moita Lopes (2009), com áreas como: a literatura, a antropologia e a semiótica. O interesse que deu origem a tal possibilidade foi o de contextualizar textos das mais variadas línguas, e essa carga sociocultural só poderia ser efetivamente encontrada em suportes dados pelos citados campos, considerando que a tradução não está totalmente vinculada a questões linguístico-estruturais. Dessa maneira, na tradução é inviável que se considere a língua como um sistema abstrato, justamente pela característica contextual dos textos de qualquer que seja a língua.

Na década de 1980, a LA começou a dedicar a maior parte dos seus estudos para o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras. Ou seja, saiu-se de um campo relativamente raso, quando considerado o primeiro enfoque das pesquisas da área, para um plano maior que comportava a tradução com fins pedagógicos. Entretanto, seguindo uma perspectiva na qual ainda predominava o colonialismo, uma vez que o foco principal era que os falantes da língua portuguesa, por exemplo, falassem e escrevessem o inglês tal como os americanos e britânicos.

As pesquisas em LA para o ensino de línguas estrangeiras após a primeira virada, por mais variadas que fossem, ainda seguiam vieses teóricos e metodológicos semelhantes. Além disso, na interdisciplinaridade, as pesquisas vinham focalizando apenas em questões escolares. Na década de 1990, discussões como as de Moita Lopes (1996, 1998), Pennycook (1998) etc. davam a entender que a LA precisava se situar num plano mais amplo, pois a interdisciplinaridade não estava dando conta das possibilidades que vinham sendo encontradas pelos pesquisadores atuantes nela, e foi com base nisso que houve a segunda virada histórica da LA.

A segunda virada

Diante do cenário científico da LA no Brasil e suas constantes ressignificações, entendemos que, mesmo após a segunda virada, a LA percorreu alguns caminhos até chegar à caracterização vigente de área transdisciplinar (MOITA LOPES, 2006, 2009). Na década de 1990, mais especificamente em 1996, Moita Lopes lança a obra “Oficina de Linguística Aplicada”, na qual o autor apresenta os novos ventos que constituíam a LA naquela época. Entretanto, muitas das questões levantadas na referida produção foram questionadas até mesmo pelo próprio autor em textos, como, por exemplo, “Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa”, na organização “Por uma linguística aplicada indisciplinar” (MOITA LOPES, 2006).

Moita Lopes (1996) caracterizava a LA como uma ciência social que tinha como objetivo a solução de problemas de linguagem em contextos sociais. Diante da rica expansão tomada pelas pesquisas em LA desde este momento cronológico, houve uma revisão desse discurso-base postulado pelo autor. Em Moita Lopes (2006), observamos uma postura mais cautelosa do autor em caracterizar a área como um campo de reflexão e desenvolvimento de inteligibilidades a partir de contextos de uso da linguagem, havendo neles problemas ou não. A questão que norteia todo esse pensamento é de que é necessária uma postura crítica de quem faz pesquisa em LA para com a linguagem, cabendo a esse sujeito problematizar o que está posto e/ou pré-estabelecido. Assim, a LA se tornou um campo de problematização, isso porque a teoria problematiza a prática e a prática

problematiza a teoria. Em outros termos, ela se estabeleceu como um campo de múltiplos centros (RAMPTON, 2006), focalizando em práticas sociais reais.

Isso não quer dizer que a LA dos anos de 1990 não tenha contribuído para a dinamização que a área tem hoje. Os estudos brevemente citados foram imprescindíveis para que os mesmos teóricos viessem a ter subsídios mais concretos para nos explicar as mais complexas questões que norteiam a LA do século XXI. Pennycook (1998), por exemplo, trouxe críticas significativas para o debate sobre o insistente colonialismo que existiu no ensino da língua inglesa, vendo a importância em se destacar e denunciar os interesses ideológicos que se escondiam na necessidade da aquisição da língua como meio hegemônico de comunicação interacional no período pós-guerra.

A LA, desde então, procura caminhar contra essas redes de vigilância (DE CERTEAU, 1996) que adensam nas camadas sociais marginalizadas ditando o maior número possível de regras a serem seguidas pelos sujeitos, principalmente em contextos de ensino e aprendizagem, de línguas. Dessa maneira, a LA busca alertar para a relevância da subversão de modo em que considera os aspectos socioculturais dos sujeitos da linguagem. Com isso, "não há campos autônomos do conhecimento desligados da cultura, da sócio-história e do conjunto de crenças, ações, normas e práticas propiciadoras de certos regimes de percepção, de cognição e de vontade" (FABRÍCIO, 2006, p. 56).

Essa procura por explicações nos mais variados campos de conhecimento que possuem entre si vínculos conceituais emprega a LA nas ciências sociais, visto que, até então, é nessa grande área que se dialogam questões recorrentes em diversos centros de estudo da linguagem ou não. Por essa razão, a LA:

[...] não pode, portanto, ficar à parte das discussões em tais campos. Isso me parece ainda mais pertinente quando muitas das questões mais interessantes sobre a linguagem são levantadas por pesquisadores fora do campo de estudos específicos da linguagem. Se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia,

geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social, etc. (MOITA LOPES, 2006, p. 96).

Sob essa ótica, a LA vai além de uma subárea dos estudos da linguagem, de forma em que ela transcende os limites linguísticos, adensando em discussões teóricas e metodológicas até então desconhecidas. Este fato, seguindo a ordem cronológica da segunda virada, não é novo, como pode ser constatado nas leituras já pontuadas. Nesse sentido, não poderíamos alertar para uma terceira virada histórica da LA devido às extensas contribuições que a segunda virada trouxe, as quais servem, atualmente, como pontos para desdobramentos conceituais desenvolvidos pelos próprios autores e por novos pesquisadores. Na guisa de resumir os avanços do conceito de LA, Rojo (2006, p. 258), considerando as viradas e ressignificações, sinaliza que:

Já não se busca mais “aplicar” uma toeira a um dado contexto para testá-la. Também não se trata mais de explicar e descrever conceitos ou processos presentes em determinados contextos, sobretudo escolares, à luz de determinadas teorias emprestadas (...). A questão é: não se trata de qualquer problema – definido teoricamente –, mas de problemas com relevância social suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam ganhos a práticas sociais e a seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida, num sentido ecológico.

Podemos destacar, diante dessas reflexões, que a partir da segunda virada a LA se estabeleceu melhor como campo de ressignificação, pois não se está lidando com alterações bruscas como nas épocas que antecederam os anos de 1990, mas sim, com variadas maneiras de dialogar com perspectivas já postas e expandir cada vez mais o campo. Ainda nessa linha de pensamento, é importante que se observe o quão desafiador é assumir o papel de linguista aplicado na atualidade, destacando as ênfases que precisam ser dadas e as cuidadosas precauções que o pesquisador precisa ter ao realizar uma pesquisa inserida no referido campo.

Nesse contexto, nos deteremos, no tópico a seguir, a desdobrar alguns pontos que permeiam a atuação do linguista aplicado em seu “fazer pesquisa”, estes sendo: a subjetividade e a ética.

A atuação do linguista aplicado na pesquisa

Os cursos de graduação e pós-graduação em Letras, Linguística e temas afins, mesmo se relacionando em maior escala com as ciências humanas, permite o desenvolvimento de estudos puramente quantitativos, principalmente no que concerne às pesquisas sociolinguísticas, gerativas, dentre outras. Diante disso, diversas questões precisam ser esclarecidas no desenvolvimento de pesquisas em LA, principalmente nos cursos de graduação, em que os pesquisadores estão no processo de amadurecimento de ideias gerais a linha de pesquisa que seguirão no transcórre do trajeto acadêmico. Uma das primeiras questões a serem esclarecidas no processo de formação do linguista aplicado é a de que a “LA no Brasil é quase totalmente de natureza qualitativa, com preocupações com o idiossincrático, o particular e o situado” (MOITA LOPES, 2012 *apud* MOITA LOPES, 2013, p. 17).

Outra questão que precisa ser previamente elucidada é a de que os objetos de estudo da LA não partem de problemas propriamente ditos (como assinalava Moita Lopes (1996)), mas de inquietações cuidadosamente pensadas, identificadas e tratadas. Nesse sentido, “não se trata de qualquer problema – definido teoricamente -, mas de problemas com relevância social suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam ganho a práticas sociais de seus participantes” (ROJO, 2006, p. 258). Assim, as pesquisas em LA precisam apresentar encaminhamentos para o desenvolvimento de práticas que possam implicar de alguma forma no contexto pesquisado. Sobre esse contexto, a partir dos processos de resignificação que se vem dando após a segunda virada histórica da LA, ele não se limita às salas de aula de língua materna ou estrangeira e adensa em qualquer contexto no qual a linguagem seja o aspecto social que possui maior centralidade.

Pensando sob essa perspectiva, já se tem um significativo encaminhamento do aluno para o viés reflexivo em que a LA e a pesquisa qualitativa - que são fundamentalmente interpretativistas -

que se situam; mesmo que não se focalize, *a priori*, nas vertentes específicas de pesquisa². A partir disto, é normal que alguns questionamentos surjam no processo. Um deles, que supostamente mais se destaca, é: Se não vai se valer de dados quantitativos (que podem, unicamente, na concepção de alguns, comprovar a existência de resultados concretos), qual a relevância das pesquisas em LA, que são puramente qualitativas? Para discutir sobre a questão, partiremos de dois pontos específicos que destacarão tanto a relevância do trabalho em LA, como o papel do pesquisador que nela se insere.

A subjetividade

Nenhuma pesquisa em LA pode seguir uma objetividade na exposição de resultados. A análise dos dados estimula a habilidade subjetiva do pesquisador, o que já precisa está imbricado na sua construção identitária. A finalidade dessa subjetividade está relacionada à necessidade do discurso em ser sujeito a compreensões responsivas ativas (BAKHTIN, 2003) dos interlocutores que terão contato com a pesquisa. Segundo Bakhtin (2003):

[...] toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê). O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 272).

A subjetividade do sujeito é responsável pelas suas constantes construções identitárias. Isso só é possível na enunciação, visto que a linguagem é uma prática que media os mais variados contextos sociais. Com base em Bakhtin (2003), percebemos que a subjetividade advém de vozes alheias existentes no processo de interação. Nesse sentido, a interação se torna o veículo mais preciso no desenvolvimento de

² Em LA, diversos estudos representam a relevância do desenvolvimento de estudos de caso, pesquisas colaborativas, pesquisa-ação, etnografias, etc.

aspectos subjetivos, que carregam consigo uma infinidade de ideologias.

Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia. Pode-se dizer que um corpo físico equivale a si próprio: ele não coincide inteiramente com a sua realidade única e natural. Nesse caso, não temos como falar de ideologia (VOLOCHINOV, 2017, p. 92).

O jogo dialógico estabelecido na e pela linguagem é responsável pelo desenvolvimento de aspectos subjetivos dos sujeitos, o que implica constantemente nas suas identidades, deixando-as em um contínuo processo de fragmentação. Félix Guattari e Rolnik consideram que a “subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo³” (1996, p. 31). Dessa maneira, a capacidade subjetiva⁴ de cada sujeito não se situa numa perspectiva estática ou, como afirma o autor, centrada; esse contexto se entrelaça principalmente com a noção de identidade apresentada por Hall (2003), nos estudos culturais da pós-modernidade, entendendo que todos os sujeitos têm identidades fragmentadas (descentralizadas/deslocadas). Em outras palavras, essa identidade, ou subjetividade, pode ser alterada e/ou transformada por meio de experiências de convívio social, como em sala de aula e em contexto de formação docente.

Estudos como os de Molina (2014) apontam os avanços da pós-modernidade como os principais responsáveis pelo desenvolvimento da subjetividade dos sujeitos, uma vez que é visível nas práticas sociais a busca incessante por conhecimento nos variados setores. Dessa forma, a subjetividade do sujeito é a responsável pelo seu engrandecimento cognitivo, interacional e comunicativo, atrelado a ideia de identidade social que, nos estudos de Pollak (1992), está estritamente voltada à memória. Assim, a subjetividade se estabelece como as marcas identitárias, principalmente no tocante à construção individual e/ou coletiva de conhecimento.

³ O termo indivíduo está no interior de uma citação direta, porém continuamos optando pelo termo “sujeito”.

⁴ Nessa subjetividade se inserem diversas questões identitárias, como as crenças, os valores, etc.

Na Europa, mais especificamente na França, foram desenvolvidos alguns estudos sobre a memória e, por consequência, a identidade social, tendo como principal representante Fernand Braudel. A preocupação era, portanto, a de analisar e descrever como se era ocasionada a construção das identidades em longa duração com base na memória nacional fragmentada perante aos avanços emergentes. Como assinala Bhabha (1998), a cultura de um grupo social leva em consideração a situação local, na construção de identidades fixadas que, com base na vivência, desenvolve processos de criação de categorias como “entre-lugares, entre-tempos, hibridismos, estranhamento, identidade intervalar, vidas duplas, entre outras” (SCHÄFFER, 1999). Bhabha (1998) complementa que é através desse processo que se cria a diversidade cultural, considerando as crenças, as condições sociais, econômicas e políticas de cada localidade.

Desse modo, quando um sujeito criado em uma só cultura se submete a conviver em outra (s), ele passa por um processo chamado de “deslocamento cultural”. Ainda remetendo aos avanços do período pós-colonial, vale ressaltar que passamos por um momento em que as atividades estão cada vez mais rápidas e, diante disso, a maioria dos sujeitos pertencentes a uma localidade já conhecem as culturas de outros locais, o que, num processo mais lento, descentraliza uma parte da identidade fixada num dado momento.

Considerando esse apanhado, em LA é de suma necessidade que o pesquisador estimule, com base na pesquisa a qual está realizando, os seus aspectos subjetivos para uma real apreciação de dados. Pesquisas diversas no campo vêm apontando para o desligamento de muitas análises de dados ao quesito interpretação, justamente porque a objetividade predomina, deixando de lado as características processuais que, sem dúvidas, precisam ser exploradas e expostas na pesquisa em LA. A subjetividade, nesse contexto, representa a não neutralidade do pesquisador na atuação acadêmica em um campo de ressignificação preocupado em discorrer sobre questões sociais que envolvem a linguagem numa perspectiva de uso.

Da maneira em que se trabalha com dados reais, coletados em situações de uso da linguagem, fica evidente que é preciso explicar a maior parte dos detalhes que nortearam os momentos de coleta dos instrumentos de análise. De fato, a pesquisa em LA carece desse comprometimento, principalmente pelo caráter ético (foco do próximo

tópico de discussão) que precisa assumir na comunidade científica. Nessa perspectiva, ser subjetivo na pesquisa é ser um pesquisador real e comprometido tanto com o próprio objeto de pesquisa como com a importância e validade da LA na pesquisa em Letras.

A ética

O conhecimento de que no desenvolvimento de qualquer que seja a pesquisa acadêmica é necessário assumir uma postura ética chega a ser repetitivo, porém pode parecer contraditório quando pesquisadores de outras linhas de pesquisa em linguística têm contato com textos que visam apresentar as finalidades de estudar e pesquisar na perspectiva da LA, isso pelo seguimento de um caráter transdisciplinar e por deixar clara a não neutralidade do pesquisador. Nesse sentido, para entender qual (ou estimular reflexões sobre) a dimensão ética da pesquisa em LA, partimos do questionamento de: o que é ética? E como a ética se manifesta na pesquisa em LA?

Cenci (2002, p. 90), entende que a ética “nasce amparada no ideal grego da justa medida, do equilíbrio das ações”. Na pesquisa científica, tanto em LA como em outras linhas de estudo, é relevante que se tenha cautela em se tratar os dados gerados no intuito de investigar determinado objeto de pesquisa. Em trabalhos de dissertações e teses, principalmente, há uma enorme cobrança em relação à harmonização das seções dos trabalhos. É preciso, dessa maneira, ter uma dosagem correta de cada um dos pontos constituintes do estudo. Numa ilustração, no tocante aos procedimentos metodológicos e as análises dos dados, entendemos que para uma análise densa sobre os dados coletados, os procedimentos metodológicos precisam apresentar uma base teórico metodológica suficiente para comportar uma análise expansiva. Isso é ética. É se comprometer com a qualidade da pesquisa realizada e garantir uma harmonização que implica certamente no conhecimento do pesquisador.

Na pesquisa em LA é preciso lidar com os sujeitos da linguagem em situações reais, para que exista um processo de coleta de dados, visto que os dados podem ser previstos pelo pesquisador, entretanto, no contexto de pesquisa, outros materiais podem ser transformados em dados. Assim, desde o início da segunda virada da

LA (MOITA LOPES, 1996), existia a preocupação ética de não influenciar as práticas de linguagem dos sujeitos de pesquisa.

[...] [c]ertamente, o pesquisador deve ter cuidado para que sua pesquisa não seja usada para tirar a voz e caçar o poder de quem está em situação de desigualdade. Fazer pesquisa, i.e., produzir conhecimento, é uma forma de construção de significado prestigiada na sociedade e, portanto, impregnada das relações de poder inerentes à prática discursiva. Assim, os resultados de nosso trabalho podem ser usados para desempregar, condenar, criar incompetência, etc. (MOITA LOPES, 1996, p. 9).

Pesquisas imbricadas nas práticas sociais, visando trazer inteligibilidades para elas, precisam apresentar as situações reais de coleta e, acima disso, expor os reais resultados obtidos, sejam eles positivos ou negativos. Ao fantasiar os resultados sobre determinado objeto de estudo, além de não estar sendo ético, o pesquisador pratica o desrespeito aos sujeitos inseridos nas práticas investigadas. Na etimologia do termo, ética é uma “parte da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, refletindo esp. a respeito da essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social” (HOUAISS; VILLAR, 2001).

Em qualquer que seja a realidade social que esteja sendo investigada, é necessário ter o consentimento de todos os sujeitos, tomando cuidado para não incluir na pesquisa dados gerados por sujeitos que estejam no contexto, mas não tenham aceitado participar da pesquisa. Essa não autorização, mesmo que implique significativamente no desenvolvimento da pesquisa, precisa ser explicada no estudo. Em estudos, como, por exemplo, o de Melo (2002), grande parte dos alunos inseridos na sala de aula de uma escola bilíngue não puderam contribuir com gravações de áudio devido a não autorização dos pais. Sendo fiel a LA, a pesquisadora aproveitou essa negação e a apontou como um dado explicativo sobre o porquê de determinada parte do trabalho está breve ou pouco explorada.

Na formação inicial de pesquisadores em LA, deixar claras questões como a possibilidade e a necessidade de ser subjetivo e ético ao mesmo tempo é essencial. Formar linguistas aplicados, hoje, é uma tarefa complexa e desafiadora, pois, ao tempo em que entram em um

campo transdisciplinar de ressignificações contínuas, precisam conhecer as ideias centrais deste campo para saber representá-lo e defendê-lo nos diálogos sociais (BAKHTIN, 2003). Assim, estudar o (e ser) sujeito é viver numa constante incompletude no presente. Essa incompletude é revelada nas formulações teóricas que se refazem na imagem e na identidade do sujeito como uma atitude ética que se concretiza a cada diferente constituição de significados que o sujeito vive como pesquisador (SOUTO MAIOR, 2013).

Considerações finais

As considerações trazidas nesse estudo, mesmo que de base exclusivamente teórica, surgiram no intuito de desbravar algumas das ressignificações de um campo transdisciplinar de pesquisa. Reflexões conceituais são pertinentes, até porque é a partir de discussões mais breves que os novos pesquisadores buscam subsídios para as suas primeiras pesquisas, com os mais variados enfoques, diálogos teóricos e pressupostos metodológicos. No entanto, discorrer sobre a LA leva a reflexão, quer queira quer não, para uma perspectiva social e apta a novas interpretações.

Observar as viradas da LA é viajar por um universo de algumas lutas de poder que permearam e permeiam uma área desenvolvida, *a priori*, para aplicar teorias, que chegou, na atualidade, a um *status* autônomo que atribui autonomia, também, ao pesquisador, isso de maneira consciente. Passou-se de um campo estático de criação de propostas para outro que permite compreender a linguagem sob variadas óticas. A postura subjetiva e ética do pesquisador representa o seu compromisso em desenvolver atitudes responsáveis e disseminar o interesse para novas pesquisas sobre a linguagem nas práticas sociais.

Dessa maneira, o pesquisador em LA precisa ser um sujeito que problematiza e que não se contenta somente com o que já está posto. Ele é aplicado porque crer na existência de um algo a mais, partindo da linguagem para aumentar ou sanar provisoriamente as suas inquietações, “como foi e vem sendo o meu caso!”.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução de P. Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2003.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Àvila. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996.

CENCI, Angelo Vitório. **O que é ética?** Elementos em torno de uma ética geral. 3. ed. Passo Fundo: A.V. Cenci, 2002.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 15-66.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Tradução Tomas Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MELO, Heloisa Augusta Brito de. **O português é uma alavanca para que eles possam desenvolver o inglês**: eventos de ensino-aprendizagem em uma sala de aula de ESL de uma “escola bilíngüe”. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada? In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda Couto. (Orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 113-128.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras. 1996.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) **Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013.

MOLINA, Márcia Cristina Gomes. A construção de identidade do sujeito mediante as transformações da globalização. **Revista Científica do ITPAC**, v. 7, n. 2, p. 6-1, abr. 2014.

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAND, Dora. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artmed, 1996. p. 189-220.

PENNYCOOK, Alastair. **English and the Discourses of Colonialism**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1998.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RAMPTON, Bem. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo SP: Parábola Editorial, 2006. 109-128.

ROJO, Roxane. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: entre a privação sofrida e a leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-275.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SCHAFFER, Margareth. Entre-lugares da cultura: diversidade ou diferença? **Educação e Realidade**, UFRGS, v. 24, n. 1, 1999.

SOUTO MAIOR, Rita. Pensamento bakhtiniano nos estudos da linguagem: a ação do pesquisador como ato responsável. **Polifonia (UFMT)**, v. 20, p. 31-53, 2013.

VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em: 13/05/2018

Aceito em: 14/06/2018